



Enunciação, referência e coenunciação: uma análise de discursos de comentários de leitores em notícias sobre o Brexit¹

Enunciation, reference and coenunciation: an *analyse du discours* of reader's comments on breaking news about Brexit

Eduardo Ruedell²

Palavras-chave: referência; coenunciação; circulação; mediação; Brexit.

A expansão da internet aprofundou o processo de circulação de informações, possibilitando uma ampliação dos horizontes da comunicação e maior aproximação das mídias que produzem notícia de seus leitores. Dessa forma, é possível observar profundas mudanças estruturais nos vínculos constituídos entre eles, pois é criada uma “zona de contato”, definida por Antônio Fausto Neto (2011) como um dispositivo midiático de contato que se intensifica com o processo de circulação. Abordando as zonas de contato, é possível identificar marcas discursivas dos processos interacionais e vínculos estabelecidos entre produção e reconhecimento, uma vez que a circulação faz emergir essa zona antes tida apenas como lugar de passagem, como lembra o autor.

Vivemos no limiar entre a "sociedade dos meios" e uma "sociedade em vias de mediação", onde o receptor é reconhecido, (FAUSTO NETO, 2010), e é neste contexto, situadas nesta "arquitetura comunicacional", que novas formas de interação entre os atores envolvidos no processo de comunicação são constituídas pela circulação.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Aluno de graduação em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria, membro do Grupo de Pesquisa em Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais do Departamento de Ciências da Comunicação/UFSM. eduardo.ruedell@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

As zonas de contato, por sua vez, funcionam como os espaços onde se materializam os vínculos entre estes atores - é partir daí que se constroem e circulam os discursos, através de um jogo de negociações e disputas de sentidos.

As definições usuais para circulação, dentre as quais a própria "zona de contato", "não dão conta de sua respectiva complexidade e a sua pertinência para a compreensão de uma realidade comunicacional" (FAUSTO NETO, 2010, p. 58). Esta complexidade pode ser desvendada através de um estudo da problemática da enunciação: há uma questão relacional e não apenas transmissional por trás da "natureza da comunicação", e o sujeito é efeito do funcionamento da atividade discursiva - não mais seu mestre (FAUSTO NETO, 2010).

Uma vez que o sujeito é "mobilizado" ou "constrangido", há uma ordem que o transcende, e os lugares de produção e recepção dos discursos reconfiguram-se, a partir desta lógica, aos "novos regimes de discursividades nos quais o discurso está preso" (FAUSTO NETO, 2010, p. 60). Para Fausto Neto (2010) "trata-se da ordem interdiscursiva onde a circulação – como “terceiro” – se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos".

Mas a circulação não se prende à relação entre produtores e receptores. Há um "fluxo adiante" (BRAGA, 2012), uma vez que o receptor faz "as reações ao que recebe" seguirem além. Este fluxo se constitui das mais diversas maneiras, podendo resultar em uma modificação (ou não) do produto recebido quando direcionado a outros receptores, como em comentários, podendo gerar debates e novas significações que dão origem a novos produtos, e mais uma infinidade de possibilidades. Mas fica claro que é no âmbito da "escuta prevista" que converge o "esforço produtivo para circular" (BRAGA, 2012a), uma espécie de *contrafluxo* (BRAGA, 2012b) que faz com que se produza tendo em conta as respostas pretendidas, recebidas ou esperadas.

Ao considerar os processos de circulação midiática da sociedade, devemos no entanto esclarecer que estes não são da mesma ordem que a chamada interatividade,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

como se costuma referir a este processo de resposta a uma fala inicial na internet (BRAGA, 2012b).

As novas políticas que surgem a partir da atuação destes leitores-internautas sensibilizam toda a rede de criação de conteúdo, e ao lançarmos olhar sobre os impactos dessa atuação, que se configura em reconfigurações e ressignificações dos enunciados (VERÓN, 2004), devemos lançar mão de conceitos específicos. Ora, estes atores já não se configuram mais como meros receptores, eles são coenunciadores (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014) dos discursos sobre os quais se debruçam.

Pensando na problemática da midiatização e da circulação em páginas de notícias e o contato com os leitores a partir da ideia de ressignificação, desenvolvemos ao longo do ano de 2017 uma pesquisa empírica de observação e análise de discursos, que deu origem ao presente trabalho, que analisa a relação entre comentários de leitores e o texto jornalístico produzido por distintas mídias (BORELLI, 2016).

Para tanto, inicialmente discutimos os conceitos de enunciação, referência e coenunciação. De forma sintética, consideramos: enunciação como o "pivô da relação entre a língua e o mundo" em uma abordagem generalista que a considera em suas diversas possibilidades nas teorias linguísticas que se propõe a estudá-la, mas na dimensão do discurso, especificamente, tratamo-la como "acontecimento em um tipo de contexto e apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas" (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2014, p. 193). Para Verón (2004), enunciação são os *modos de dizer*, e pontua que não há produção de sentido sem enunciação; referência, por outro lado, designa "a propriedade do signo linguístico ou de uma expressão de remeter a uma realidade" (VERÓN, 2014, p. 418).

Já Culioli (2010) define que a enunciação é, na verdade, uma coenunciação, uma vez que estão inseridos nela dois participantes ativos, sendo portando relacionado ao termo enunciador. Quanto ao termo coenunciador, no singular, refere-se ao destinatário, enquanto que seu plural vem a designar os dois atores envolvidos. Para Culioli, há coenunciador, devido ao fato de que, em uma conversação, o locutor torna-se



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

em dado momento um ouvinte, enquanto o ouvinte torna-se locutor, e também porque o coenunciador pode dar ao curso de sua enunciação o caminho que quiser, caso o ouvinte mostre-se divergente.

Além disso, decidimos abordar os discursos como signos, a fim de mais facilmente delimitar as marcas deixadas no texto pelo coenunciador, evidenciando a referência e o processo de coenunciação. Nota-se que preferimos utilizar *discursos* à *discurso*, evidenciando o fato de que, de acordo com Verón (2004, p. 61-62), discurso, no singular, é "homólogo à língua", enquanto que pela sua forma plural entende-se aquilo que "é produzido, que circula e que produz efeitos dentro de uma sociedade", e cujas classes e suas "economias de funcionamento" devem ser identificadas e descritas.

Para tanto, partindo do contexto de um processo de semiótica aberta, conforme proposta em 1962 por Umberto Eco em sua "Obra Aberta", ao tratar este signo como uma obra aberta, deixamos subentendido o fato de que ele pode sofrer um número não definido de interpretações, podendo gerar, às margens de seu significante, novos signos. Porém, Eco (1990) esclarece que embora possua um número indefinido de possibilidades de interpretação, isto não resulta em um número infinito. Eliseo Verón também aborda essa problemática da produção de sentidos e trata da necessidade de pensarmos em uma semiótica aberta (VERÓN e BOUTAUD, 2007).

É importante dizer que seguimos a orientação de Verón (2004) acerca da definição dos textos analisados como materialidades, fragmentos que usamos para a análise de discursos. Sendo assim, optamos por utilizar como metodologia a análise semiológica de discursos, levando em conta o contrato de leitura, denominação proposta por Verón (2004) para os dispositivos de enunciação no caso da imprensa escrita. O autor elucida que todo suporte de mídia possui seus dispositivos de enunciação, aos quais recorre para que seus discursos *signifiquem* algo para seus leitores. Para o autor (VERÓN, 2004, p. 217-218), um dispositivo de enunciação é composto por um enunciador, "a imagem de quem fala"; por um destinatário, "a imagem daquele a quem



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

o discurso é endereçado"; e a relação que se constrói entre enunciador e destinatário, "proposta no e pelo discurso".

Após a descrição dos principais conceitos e metodologias propostas, nos pareceu pertinente tratar do leitor modelo (ECO, 1994). Para Eco, o texto não fala, uma vez que é o leitor quem deve produzir os sentidos deste, além de ser um tecido de signos entrelaçados e permeado de lacunas, o *não dito*, que devem ser preenchidas pela ação deste leitor. Eco fala que são as estruturas de um texto aberto - como as referências hipertextuais, metatextuais, metalinguísticas, sequência inesperada de narrativa, etc. - que, ao fazerem com que o leitor busque suportes interpretativos, constroem um *leitor-modelo*, com capacidade para gerar textos através da cooperação que oferece através de sua interpretação.

O acontecimento analisado foram as construções discursivas sobre o Brexit nos jornais diários *El País*, da Espanha; *Público*, de Portugal; e *The Guardian*, do Reino Unido. Para a coleta de dados, consideramos a primeira notícia veiculada pelos veículos sobre o resultado do referendo popular que decidiu sobre a saída do Reino Unido da União Européia (UE), ocorrido no dia 23 de junho de 2016, além do primeiro relato dos posicionamentos dos representantes da UE acerca do mesmo referendo. Após a seleção dos textos, realizamos buscas por palavras chave (o *nome* do próprio jornal, imigrantes, refugiados, economia e ideologia) relacionadas aos temas tratados nos discursos noticiosos nas seções de comentários, nos respectivos idiomas dos jornais escolhidos.

Com base nas buscas e observação inicial dos materiais, foram definidas três categorias de análise: migração, questões econômicas e política (externa e interna). Os critérios para a escolha de tais categorias foram, primeiramente, as suas conexões com as palavras chave utilizadas para a seleção de comentários; em segundo lugar, por se tratarem de temas sensíveis às populações afetadas pelo Brexit; e, por último, devido ao fato de que as relações políticas entre os países que compõem a União Européia terem se tornado instáveis pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria. Estas categorias de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

análise representam polos de formação, a partir dos quais, e motivado por eles, agem os coenunciadores.

Eco (1994) explica que pela obra não ser inteiramente aberta, a coenunicação, neste caso, necessita de uma referência, tal e qual os comentários deixados por leitores em um espaço que, em teoria, é livre, porém enquadrando-se num contrato de leitura que representa os vínculos entre produção e reconhecimento (VERÓN, 2004). Esta referência é buscada no âmbito das experiências e, no caso aqui estudado, às margens dos enunciados primeiros, que por meio da participação são ressignificados num fluxo sempre adiante, como lembra Braga (2012a).

Apesar de esta pesquisa ainda estar em andamento, com seu artigo final em fase de conclusão, é possível mostrar diferenças tocantes entre as abordagens levadas a cabo pelos veículos aqui estudados, e conseqüentemente as respostas obtidas de seus públicos. Estas construções discursivas, como já dito, refletirão, através dos contratos descritos, nas coenunicações propostas por seus leitores. Os vínculos constituídos aí transcendem posicionamentos e ideologias, e estabelecem-se como uma nova possibilidade de análise da sociedade.

Uma observação importante se dá ao caso do periódico britânico *The Guardian*: a seção *Brexit* deste jornal, não permite comentários de leitores em seu site. A empresa já informou em notas que desativaria as seções de comentários em textos jornalísticos que tratassem de temas sensíveis à sociedade e que poderiam levar a falas preconceituosas. Portanto, optamos pelo único espaço livre do jornal acerca do tema dentro dos padrões que impusemos: uma cobertura constantemente atualizada, porém estruturada em forma de matéria, da seção *World*, e que permitiu a atuação de seus leitores.

O posicionamento do *The Guardian*, ao não permitir a participação de leitores em determinadas matérias, reforça e dá novas dimensões às sanções sofridas por leitores devido ao descumprimento de regras e condutas impostas nas seções de comentários, e que foram exploradas por Borelli (2016). Esta ação, porém, não é isolada, e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

recentemente já foi anunciada por outros veículos de comunicação, como o caso recente da *Al Jazeera*, que da mesma forma restringiu os comentários em seu portal na internet.

Por outro lado, *Público* e *El País* não possuem sanções semelhantes de restrição de comentários, mas, sim políticas próprias, algumas das quais também seguidas por *The Guardian*. Elas incluem o cadastro dos usuários sob um perfil detalhado, e há possibilidade de promoção dentro das comunidades de leitores/coenunciadores.

Estas novas políticas que surgem das interações *online* dos coenunciadores e que permeiam o tecido social, nos interessa também. Abre-se a partir daí um novo leque de possibilidades a serem abordadas em futuros trabalhos, a fim de tentar situar as novas sanções no âmbito da comunicação, especialmente no campo jornalístico, dadas as situações de circulação midiática em uma sociedade em vias de midiatização, e descrever as possíveis direções tomadas pelos veículos em casos como o que nos propomos a estudar.

Referências bibliográficas

AL JAZEERA. **Why we're disabling comments on aljazeera.com**. Disponível em: <<https://medium.com/@AJEnglish/why-were-disabling-comments-on-aljazeera-com-a9ffbac61f10>>. Acesso em: 5 de set. 2017.

BORELLI, Viviane. **Espaço para comentários de leitores em sites e perfis de jornais no Facebook**: regulação, vigilância e sanções. *Revista Fronteiras*, v.18, n.3, 2016.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JEDER, J.J.; MATTOS, M.A.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012a. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>>. Acesso em: 15 de dez. 2017.

BRAGA, José Luiz. La política de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.). **Las políticas de los internautas**. Buenos Aires: La Crujía, 2012b.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do**



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CULIOLI, Antoine. **Escritos.** Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2010.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

ECO, Umberto. **Limites da Interpretação.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

ECO, Umberto. **Obra Aberta.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

EL PAÍS. **Principios y normas de participación.** Disponível em: <<https://elpais.com/estaticos/normas-de-participacion/>>. Acesso em: 20 de jun. 2017.

FAUSTO NETO, Antonio. **As bordas da circulação.** Alceu (PUCRJ), v. 10, p. 55-69, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. Transformações do Jornalismo na Sociedade em Vias de Midiatização. In: FAUSTO NETO, A.; FERNANDES, J.D.C. (Org.). **Interfaces Jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 1, p. 17-33.

PÚBLICO. **Comentários e inquéritos.** Disponível em <<https://acervo.publico.pt/nos/comentarios-e-inqueritos>>. Acesso em: 20 de jun. 2017.

THE GUARDIAN. **Community Standards and participation guidelines.** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/community-standards>>. Acesso em: 20 de jun. 2017.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

VERÓN, E.. BOUTAUD, J.J. **Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communications.** Paris: Lavoisier, 2007.